

“Era uma vez uma floresta e três porquinhos: o Bico, o Lico e o Nico”, começa Helen Helene colocando um espanador de ponta-cabeça sobre a mesa e batatas com perninhas feitas de palitos de fósforo. “Eles resolveram fazer as suas casinhas naquele lugar. Bico, que era muito preguiçoso, fez a sua casa mais rápido...”, segue a história. Em alguns segundos a imaginação ganha espaço e, quando um antigo assoprador aparece na tela, já temos certeza absoluta: o lobo está à espreita.

O vídeo, de pouco mais de três minutos, faz parte das memórias de infância de muitos daqueles que hoje estão na faixa dos 30 anos de idade e tinham por hábito assistir ao programa “Rá-Tim-Bum” (TV Cultura). Nele, Helen - junto do colega Arthur Kohl - fazia parte do quadro “Contadores de Histórias”, cujos episódios estão disponíveis no YouTube.

São ambos profissionais, aliás, que inspiram até hoje aqueles que se lançam no desafio de contar histórias. “Acredito que a contação de história tem a ver com o ato de brincar. Então, acho que o mais importante para o contador é visualizar aquilo que está sendo dito junto do ouvinte”, afirmou Helen. “O desafio é fazer o outro acreditar que aquela caixinha de remédio é um edifício; ou a agulha é uma princesa. E eu gosto de estimular a imaginação das crianças dessa forma. Com o tempo, elas percebem que é possível brincar com qualquer coisa ou mesmo inventar novos brinquedos”.

Vozes diferentes para cada um dos personagens, expressões faciais do narrador e gestos contribuem para manter a atenção do espectador. “Defendo que contar histórias não é uma arte difícil. Esta é, aliás, uma tradição que se perdeu. É mais comum a gente ter acesso hoje a história por meio da escrita, mas antigamente, era de forma oral que as comunidades passaram suas memórias de geração em geração. Na época, era dos idosos a missão. Mas, com o desenvolvimento da escrita e da literatura, começou-se a ser contada também histórias fictícias”, contou Danielle Almeida, professora Contador de História, do Senac Guaratinguetá.

Ainda segundo ela, o contador de história não precisa ser ator, nem ter feito teatro. “Não é uma encenação. Não é decorar e falar um texto, é envolver, estimular o outro. O que vale é a capacidade de fazer o seu ouvinte visualizar aquilo que está na sua cabeça”, disse.

IMAGINAÇÃO.

Mas, afinal, para que serve a contação de histórias? Para especialistas, tal ato estimula a curiosidade, o imaginário, a construção de ideias, expandindo conhecimentos e fazendo com que a criança vivencie situações que proporcionam sentir alegria, tristeza, medo.

“A contação de história, quando somada a intervenção do profissional, e este, se utilizando da dinâmica e

Magia. Marcelo Fernandes encanta a garotada com suas histórias



Arquivo pessoal